



## Ser (Tão) Imaginado: História e Natureza na Ocupação da Região de Aragarças (GO)/Barra do Garças (MT)

Bruna Alves da Silva<sup>1</sup>; Maria de Fátima Oliveira<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre como o processo de ocupação de Barra do Garças (MT) e Aragarças (GO) teve na natureza um condicionante regulador e um chamariz nos seus diferentes processos migratórios. Os dois municípios, limítrofes entre os estados de Goiás e Mato Grosso, possuem a confluência dos rios Garças e Araguaia como fronteira natural, o que forma uma paisagem singular e evidencia as características geomorfológicas do Cerrado: o vale fica entre planaltos e depressões, e é banhado por águas termais. Tais características naturais imprimiram à região uma dinâmica migratória particular. Neste sentido, a formação dos núcleos urbanos do Vale do Araguaia pode ser observada a partir da perspectiva das possibilidades de transmutação entre migrantes e natureza, que nos processos de modificação, exploração e integração com a paisagem local reorganizaram o viver às margens do Garças/Araguaia.

**Palavras-Chave:** Centro-Oeste; Vale do Araguaia; Migração; História Ambiental.

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Goiás (UEG), mestranda PPG-TECCER. [brunalvesilva1@gmail.com](mailto:brunalvesilva1@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Goiás (UEG), Professora/pesquisadora na Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus de Ciências Sócio Econômicas e Humanas (CCSEH). Docente do Mestrado Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) e do Curso de Licenciatura em História, com ênfase em História Regional

## INTRODUÇÃO

A paisagem natural do estado de Mato Grosso, mais especificamente a região do Vale do Araguaia – localizada a leste e marcada pelo encontro dos rios Garças/Araguaia na fronteira com o estado de Goiás – ,teve sua dinâmica econômica e populacional orientada pela exploração dos recursos naturais abundantes na região como rios, peixes, diamantes e terras férteis.

A pesquisa de compilação bibliográfica e o processo de levantamento das fontes sobre a expansão da fronteira no Brasil Central nos permitiu identificar um tema que se tornava recorrente, que era preocupação constante com a categoria “sertão”, ou mesmo a forma como a natureza aparecia nas diferentes descrições das paisagens. Neste meio “natural” inseriam-se os elementos geomorfológicos, a fauna, a flora e os *outros* seres “selvagens”, os índios. De modo que, as apreciações que nos chegam desse período são carregadas de opiniões e sentenças que afirmavam o quanto hostil foi a ambientação dos “civilizados” nos sertões da Colônia, do Império e, por fim, da República.

Instigados fomos á procura do significado denotado ao termo *sertão* pois, sua paisagem, suas paragens, seus domínios naturais é que se constituíam em verdadeiras nebulosas, impedindo que a “civilização” enxergasse quais caminhos devia traçar para dominá-lo. Impossibilitando, respectivamente, os portugueses de alargarem suas possessões, o Império, seus domínios e a República, sua racionalidade.

De fato, *sertão* denominava o “lugar incerto”, o “lugar do desertor”, o “que não está entrelaçado ao conhecimento”<sup>3</sup>. Mais certo ainda era que a origem etimológica do conceito advinha de civilizações que lidavam com a dicotomia mar/interior, logo, *sertão* também remete áqueles lugares distantes do mar. O que vai ao encontro do sentido adquirido pelo termo na historiografia brasileira: “lugar desconhecido”, “distante”, longe dos centros “civilizados”, representado pelo litoral. O que nos leva a outro conceito – civilizado/civilização – que caracterizava, durante o período colonial e imperial, aqueles que participavam e guardavam os valores, costumes e ritos, enfim,

<sup>3</sup> L. S. G. Galetti. “Sertão, fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização”. (Cuiabá: Entrelinhas/EdUFMT, 2012).

as representações sociais e culturais do colonizador, dos europeus, dos portugueses, franceses, ingleses...

Assim, foram usados os moldes desta “civilidade europeia” para reorganizar a paisagem de parte dos núcleos populacionais brasileiros; cidades litorâneas foram calçadas, arborizadas, divididas e tiveram seu planejamento desenhado para atender e caber nos modelos de paisagem e de ambientação dos europeus. O intuito era “dobrar” os aspectos naturais do Brasil, desconhecidos e por vezes temidos na sua exuberância, amedrontando espíritos mais sensíveis, fazendo-os caber dentro dos padrões já conhecidos e apreciados pelos europeus. De acordo com Naxara<sup>4</sup>, estes eram tidos como sinônimo de evolução, de civilidade, do controle do homem sobre a natureza, enquanto aqueles estavam ligados ao bárbaro, ao *estado natural*, à selvageria.

Ao analisar as considerações de viajantes que passaram pelo território de Mato Grosso no século XIX – Bartolomé Bossi, Friedrich Ratzel, Herbert Smith, Karl von den Steinen – acerca da natureza e da paisagem, Galetti<sup>5</sup> constata que elas estão carregadas de “adjetivos e interjeições”, o que não deixa de revelar

[...] o quão inculta e primitiva apresentava-se a paisagem local aos olhos destes homens viajados, oriundos de países onde, por quase toda parte, viam-se as marcas inconfundíveis da ação humana, a operar transformações que consideravam como evidências da marcha da história rumo a um estágio mais elevado de civilização.

### **PAISAGEM DESCOBERTA: ABUNDÂNCIA E MEDO**

Diante de tais constatações, chamou-nos a atenção como o meio ambiente da região Centro-Oeste, do Oeste, do sertão, – onde se desenrolaram as vicissitudes históricas por nós pesquisadas – influenciou e propiciou a constituição de relações culturais, sociais e históricas, demonstrando como os seres humanos transformam e têm suas ideias, seus sonhos e seus projetos alterados pela natureza.

<sup>4</sup> M. R. C. Naxara. “Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX”. (Brasília: Editora UnB, 2004).

<sup>5</sup> Galetti. Sertão, fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização, p. 105.

Nesse sentido, são pertinentes as observações suscitadas pelos escritos de Worster<sup>6</sup>, quanto aos três níveis, os três grupos de perguntas pelas quais a história ambiental orienta suas pesquisas, e que de maneira surpreendente imbricam-se no nosso *locus* de trabalho: 1) a natureza por si mesmo, como se organizou e funcionou no passado; 2) como os povos produziram bens a partir dos recursos naturais e 3) os aspectos subjetivos que marcam a interação dos indivíduos/dos grupos com a natureza: os valores, as leis e os mitos.

As projeções que se seguem carecem de reflexões: desde a primeira caravela a aportar nas praias da, posteriormente denominada, Terra de Vera Cruz, a natureza se mostrou como um misto de fascínio e assombro; tudo era em excesso, muito verde, muitos animais nunca antes vistos, uma geografia desconhecida, uma espécie com fenótipos humanos semelhantes aos dos europeus, entretanto, muito diferentes na cor, nos trajes, nos costumes. Ao mesmo tempo, a Terra Nova, principalmente seu interior, acenava com riquezas reluzentes – indo do amarelo ao vermelho – As empresas coloniais modificaram, extraíram e sangraram diversas possessões ambientais e autóctones da *terra brasilis*.

As ações empreendidas pelos colonizadores tinham como tarefa a transformação do meio natural, mas era a natureza tropical que “ditava” à civilização quais ações seriam necessárias para “dobrá-la”. Almejavam o ouro? Fazia-se necessário penetrar no sertão, cabia á coroa portuguesa selecionar, delegar poderes, estipular a divisão das riquezas encontradas, contornar desafetos e desviar dos infiéis para, enfim, instituir uma bandeira. Aos bandeirantes que passariam três, seis meses desbravando caminhos, esboçando os primeiros “mapas” do sertão, nas buscas auríferas, cabiam nova arregimentação de companheiros, escravos, mantimentos, muares, enfim, diante de tantos aparatos, necessidades e incertezas, ~~que~~ o que lhes valiam era a ânsia de poder e de riquezas. Alcântara Machado<sup>7</sup>, em *Vida e Morte do Bandeirante*, afirma que o destemor dos bandeirantes resultou em *glórias celestiais* já que em seus inventários “chamam de pobreza ao seu patrimônio” e “com justo motivo e não por modéstia”.

<sup>6</sup> D. Woster. “Para fazer história ambiental”, in *Estudos Históricos*, vol. 4, n. 8, 1991, p. 198-215.

<sup>7</sup> A. Machado. “Vida e morte do bandeirante”. (São Paulo: Martins. 1943), p. 42.

Assim, a vida, as produções, os instrumentos de trabalho eram pensados e ordenados em torno da próxima bandeira. O tempo das bandeiras era determinado pelo ritmo dos anseios humanos, pela natureza e por aqueles que a ela já estavam acostumados, mas vistos como selvagens integrados ao meio hostil, carentes de dominação e doutrinação: os índios.

Isso, de certa maneira, serviu para justificar a demora na ocupação do interior do Brasil: embora as condições ambientais não fossem propícias para o efetivo povoamento de todo o território, com a descoberta das minas auríferas, no século XVIII, as dificuldades passariam a figurar oportunidades, “[...] a busca de novos “descobertos” prosseguia incansável. Todos os anos, ao aproximar-se a estação da seca nos arraiais mais populosos ou mais avançados no interior do sertão [...]”<sup>8</sup>, o que demonstra que a mineração possibilitou um adensamento populacional e transitório nos *espaços vazios* do sertão.

Como bem pontuou Nísia Trindade Lima<sup>9</sup>, em *Um sertão chamado Brasil*, o sertão nunca esteve vazio, sempre teve *gente*, só que abandonada pela historiografia construída na costa litorânea, pois os elementos sociais e culturais que definiam o sertão distavam dos parâmetros de civilidade utilizados pela elite. Como observa Naxara<sup>10</sup>, a natureza configurava um desafio a mais para a *civilização* do sertão, sendo “descrita como invencível [...]”, onde o homem estava submetido “a um poder maior, um poder que aterroriza”, em que os domínios da técnica e da mensuração ainda não tinham conferido suas transformações, tornando-a mais dócil e servil. O sertanejo era por natureza, fruto da *condescendência* social que resultou numa miscigenação entre índios, negros e brancos. “A mestiçagem aqui, havia dado origem a um sem número de tipos humanos, diversos na sua aparência, de forma a causar estranhamento ao primeiro olhar, e ao olhar que se (re)nova a cada vez”<sup>11</sup>, o que na visão eurocêntrica de viajantes e da elite brasileira do século XIX resultava em uma paleta de cores e costumes sociais e culturais carentes de “civilidade”.

<sup>8</sup> L. Palacin. “O século do ouro em Goiás”. (Goiânia: Ed. da UCG. 1994), p. 26.

<sup>9</sup> N. T. Lima. “Um sertão chamado Brasil”. (São Paulo: Hucitec. 2013).

<sup>10</sup> Naxara. “Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX”, p. 188.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 190.

Trazendo tal discussão para nosso foco de estudo, entre os séculos XVII a XIX, nos deparamos com o imaginário construído em torno do território que representa, atualmente, o estado de Mato Grosso, como também o do estado de Goiás, firmados nessa dicotomia entre civilização e barbárie. Desde o ambiente natural e suas oportunidades econômicas aos autóctones – os vários grupos indígenas que abrigavam os sertões de Mato Grosso e Goiás – as representações são geralmente em torno do controle, do domínio, do desejo de transformar, modificar o meio natural e sua gente em prol de uma racionalidade europeia, de um ideal de trabalho, consumo, crenças e simbologias que atendessem os padrões eurocêntricos defendidos pela elite cultural brasileira.

Assim, em seus múltiplos e ambivalentes sentidos, as noções de sertão e fronteira forneceram os elementos-chaves com os quais viajantes estrangeiros e brasileiros do *litoral* produziram a caracterização da *região mato-grossense* como *confins* do mundo *civilizado* e da nação brasileira [...] <sup>12</sup>.

Tais apreciações nos chegam por meio dos escritos dos viajantes europeus <sup>13</sup>, como por exemplo, Saint-Hilaire, Emanuel Pohl, George Gardner e Francis Castelnau, além de brasileiros que percorreram o interior do Brasil e que tomavam como referências sociais, econômicas e ecológicas aquelas observadas na Europa ou mesmo nas cidades litorâneas do Brasil. Desse modo, ofereciam um material rico em possibilidades, pois temos a oportunidade de analisar os moldes representativos pelos quais foram julgados os moradores, os autóctones e a natureza do Oeste. Evidentemente que não foi da maneira mais neutra ou simpática possível, visto que, as gentes e o meio físico ambiental do interior brasileiro em nada se assemelhavam as paragens socioambientais da Europa.

O primeiro choque vivenciado por estes “primeiros” desbravadores foi com a natureza, tão dispar das áreas de florestas latifoliadas, dos mares de morros e do clima ameno e úmido do Sul e Sudoeste do país. O domínio morfoclimático do Oeste,

<sup>12</sup> Galetti. “Sertão, fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização”, p. 34.

<sup>13</sup> August de Saint-Hilaire. “Viagem à Província de Goiás” (Belo Horizonte: Itatiaia, 1975); Emanuel Johann Pohl. “Viagem ao Interior do Brasil” (Belo Horizonte: Itatiaia, 1976); George Gardner. “Viagem ao Interior do Brasil” (Belo Horizonte: Itatiaia, 1975); Francis Castelnau. “Expedição as Regiões Centrais da América do Sul” (Belo Horizonte: Itatiaia, 2000).

denominado Cerrado<sup>14</sup>, apresenta algumas particularidades que somente quem despende de tempo e de calma consegue captar e compreender a dinâmica.

Formação geológica entre planaltos e planícies, com duas estações climáticas – verão úmido e inverno seco – bem definidos, o que interferia na organização do cotidiano dos moradores do Cerrado; do manejo do rebanho bovino, os festejos religiosos, o aumento ou quase abandono dos núcleos populacionais urbanos. Acontecimentos que foram vistos pelos viajantes como sinônimo de atraso, de credices irracionais, de preguiça e do abandono das normas de civilidade empreendidos pela elite litorânea, e que de acordo com Saint-Hilaire – que viajou por Goiás no início do século XIX – era fácil detectar, pois “os colonos goianos conservam uma mudez bronca; têm um ar de indolência, uma espécie de patetice que os faz distinguir sem dificuldade”<sup>15</sup>.

Logo, as dicotomias sociais, culturais e econômicas encontradas entre os moradores do Cerrado e os litorâneos foram creditadas ao atraso, as distâncias e as dificuldades de acesso que a civilização e as normas progressistas tinham para chegar ao sertão. As particularidades ambientais do Cerrado e suas condições que regiam a vivência daqueles que habitavam suas paragens não foram consideradas, não com um olhar positivo pela historiografia tradicional que, conforme Lemes<sup>16</sup>, orientada pelo *olhar estrangeiro*, acabou por atribuir aos goianos e mato-grossenses juízos de valor depreciativos – decadente, atrasado, incivilizados.

A descrição geomorfológica feita pelo geógrafo brasileiro, Aziz Ab`Sáber nos ajuda a compreender a monotonia da paisagem do Cerrado, o que pode ter contribuído para o *cansaço* no olhar dos viajantes europeus que circularam por esta paisagem, pois

Trata-se de um conjunto paisagístico inegavelmente monótono, sobretudo no que concerne às suas feições geomórficas e fitogeográficas de tipo banal. No entanto, o domínio dos cerrados apresenta imponentes exceções de padrões de paisagens nas altas escarpas estruturais, onde ocorrem *trombas*, *aparados* e

<sup>14</sup> A. N. Ab` Sáber. “Os domínios de natureza no Brasil: Potencialidades paisagísticas”. (São Paulo: Ed. Ateliê, 2003).

<sup>15</sup> A. Saint-Hilaire. “Viagem às nascentes do rio São Francisco e pela província de Goyaz”. (São Paulo: Companhia editora nacional, 1937, p. 336).

<sup>16</sup>F. L. Lemes. “Para além das gerais: dinâmica dos povos e instituições na América portuguesa: Bahia, Goiás e Mato Grosso” / coordenador, Fernando Lobo Lemes; Organizadores, Avanete Pereira Sousa, Eduardo José Renato e Nauk Maria de Jesus. (Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015).

tombadores, a par com *canyons* de diferentes amplitudes e com sítios de águas termais (“águas quentes”)<sup>17</sup>.

### **ARAGUAIA: DA EXPLORAÇÃO AO DELEITE**

O povoado de Barra Goiana (hoje Aragarças) localiza-se à margem direita do rio Araguaia, no estado de Goiás, e em frente, na margem esquerda do rio Garças, já no estado de Mato Grosso, na confluência com o rio Araguaia, está Barra Cuiabana (hoje Barra do Garças). Salvaguardando o vale dos rios Garças e Araguaia está a Serra Azul, uma formação de planalto de altitude média de 540 metros. Na parte leste, do que hoje é o município de Barra do Garças, localiza-se a fonte de águas termais que forma piscinas naturalmente aquecidas.

Desse modo, aqueles que enfrentavam a monotonia das paisagens do Cerrado ao longo das viagens por Mato Grosso ou Goiás, enxergavam na diversidade geomorfológica da região do Vale do Araguaia, possibilidades de crescimento econômico, explorando as riquezas naturais que havia em fartura naquelas paragens, quer sejam, diamantes, rios navegáveis, águas termais, água para as plantações e, principalmente, terra a perder de vista.

Lembremos que os grupos indígenas que já viviam na região foram tomados como um entrave ao “povoamento” e desenvolvimento da região. Eram vistos como bárbaros e selvagens e, desde o século XVIII, como “inimigos da civilização”, pois desde aquele século os relatos de ataques indígenas a núcleos populacionais e/ou garimpeiros que se aventuravam nas águas do Garças/Araguaia eram de conhecimento das autoridades administrativas da Colônia. “Os índios Caiapós e Bororos já se tornavam insuportáveis com ataques frequentes aos primeiros colonizadores do Brasil Central, região do Araguaia”<sup>18</sup>.

No intuito de solucionar tal problema, os presidentes das províncias de Goiás e Mato Grosso concluíram que era “espantoso número de indígenas que habitavam as margens do Araguaia”<sup>19</sup>. Assim, somando esforços, fundaram a Colônia Agrícola e

<sup>17</sup> Ab' Sáber. “Os domínios de natureza no Brasil”, p. 19.

<sup>18</sup> V. Varjão. “Barra do Garças: migalhas de sua história”. (Brasília: Senado Federal, 1985, 74).

<sup>19</sup> Varjão. Barra do Garças, 74.



Militar Macedina (1871), denominada Presídio de Macedina, que serviria também para a catequização dos grupos indígenas. Importante ressaltar que os empecilhos considerados pelos colonizadores da região Centro-Oeste e do Vale do Araguaia, demonstram quais percepções e ambições tinham os “desbravadores” com relação ao meio ambiente e os recursos naturais. Foram as possibilidades de exploração que levaram ao dispêndio de recursos humanos e financeiros, como observado na publicação do *Jornal do Commercio*, de 22 de setembro de 1871.

Goyaz – Noticiamos, não há ainda muito tempo achar-se projectada em Goyaz a fundação de uma colônia que, situada à margem do Araguaia, na linha divisória da Província de Mato Grosso poderá ser o fundamento de uma futura cidade, pelas condições que devem constituí-la o empório comercial de vastíssimas regiões. O Presídio de Macedina, que tal é a denominação do novo estabelecimento, servirá desde já como ponto de apoio, quer para comunicações, quer para a defesa das suas províncias de Goyaz e Mato Grosso, podendo prestar importante auxílio à catequese dos indígenas que povoam as margens do Araguaya e seus afluentes<sup>20</sup>.

A garimpagem no Garças e Araguaia data desde o século XVIII, sendo que os ataques constantes das etnias Caiapó e Bororo, fervorosos defensores de suas terras, é que teriam retardado o efetivo povoamento da região pelos “brancos”. No entanto, com a chegada dos padres católicos da ordem salesiana em 1902 à região, a catequização dos índios foi intensificada e os grupos indígenas “domesticados”, facilitando o contato e povoamento da região do Vale do Araguaia.

As transformações no ambiente aconteceram na medida em que as necessidades dos “civilizadores” do sertão foram se expandindo. Assim, a partir de 1921-1922, quando os garimpeiros eram em maior número, a balsa que servia para ligar as duas margens, as ruas sem calçamentos serviam a calma do transitar interiorano e as choupanas de palhas de buriti, retiradas nas margens dos brejos próximos, davam forma a brevidade dos casebres e, ao mesmo tempo, acalorava as relações de compadrio entre os moradores das duas margens que, na similaridade da vivência áspera, buscavam consolo nas ações comunitárias.

A região do Vale do Araguaia teve suas características naturais captadas pelo viés das possibilidades de exploração, de obtenção de riquezas e crescimento

<sup>20</sup> *Jornal do Commercio*, de 22 de setembro de 1871, in Varjão. Barra do Garças, p. 74.

econômico. Das tentativas de Couto de Magalhães que, de 1868 a 1888, despendeu esforços e recursos na tentativa de implementar uma efetiva navegação no rio Araguaia, ligando as regiões do Sul-Sudeste ao Centro-Oeste e Norte, de maneira rápida e eficiente<sup>21</sup>, até a implementação de projetos governamentais como o *Marcha para o Oeste*, personificado na região pela atuação da Fundação Brasil Central, às ações de planejamento agrícola da SUDECO e SUDAM – Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste e Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia.

Observa-se que foram as características naturais da região que impulsionaram ou nortearam as percepções humanas na organização de suas vivências e seu desenvolvimento social e econômico. Evidente que os moldes de desenvolvimento e vivência que permaneceram incrustados na historiografia local foram os dos colonizadores brancos, o que não permite uma análise, de maneira mais profunda, de como os grupos indígenas compreendiam e organizavam suas relações comunitárias, cívicas e bélicas no ambiente em questão.

Os grupos majoritários – bandeirantes no século XVII, mineradores no XVIII e os garimpeiros no século XX – organizaram e sistematizaram as transformações ambientais que viabilizassem a efetiva ocupação da região. Balsas e canoas eram usadas para facilitar o trânsito de pessoas, mercadorias e diamantes entre as duas margens, numa época em que a natureza ainda se mostrava altiva frente as possibilidades técnicas dos garimpeiros. Fora justamente as pedras preciosas que concorreram para o inchaço populacional de Barra Goiana e Barra Cuiabana em 1933, quando um diamante de nove quilates é encontrado por Joaquim Mendes de Sousa, na margem direita do Araguaia<sup>22</sup>.

Com o passar dos anos e com as mudanças ideológicas das políticas governamentais novos incrementos e artefatos foram imprimindo mudanças na paisagem natural da região. Para tanto, o governo instituiu o Plano de Integração Nacional: *Marcha para o Oeste*, criando a Expedição Roncador-Xingu (1938) e a

<sup>21</sup> C. A. Santos. "Araguaia – Natureza, Araguaia – projeto: paisagens socioambientais em Couto de Magalhães, século XIX". (Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 2007).

<sup>22</sup> Z. S. Diniz. "Município de Aragarças". 2º Ed (Aragarças: ALVCACO, 2016).

Fundação Brasil Central – FBC (1943) que, anexando os serviços da expedição, tinha como objetivo mapear a região central do Brasil e abrir caminhos que a ligasse ao restante do País. O objetivo era integrar o país, promover sua modernização e industrialização atrelando-as aos planos de efetivo povoamento dos espaços vazios das regiões Centro-Oeste e Norte, ocupando o Brasil e explorando suas riquezas.

A busca da conquista do Oeste é apresentada como realização de um destino: juntar o litoral e o sertão, juntar o corpo e a alma da nação. A conquista do território, a expansão para o interior, é o destino que as elites litorâneas devem assumir. É preciso integrar homem e território, realizar um tipo de “imperialismo interno”, cujo exemplo maior foi Rondon<sup>23</sup>.

A intenção do estado era modernizar as relações econômicas do país, aparelhá-lo à economia de mercado do bloco ocidental, logo, à economia capitalista-industrial. Mas, como a economia mostrava-se “numa curiosa combinação de moderno-arcaico”<sup>24</sup>, coube ao Estado intervir nessa promoção. Assim, migração, industrialização e modernização constituíram-se em palavras de ordem entre as décadas de 30 a 70 do século XX.

A região do Vale do Araguaia passou por profundas transformações em suas relações econômicas, sociais e ambientais: as incertezas do garimpo são substituídas pelo trabalho registrado, a atuação da Fundação Brasil Central (FBC) na região passa a representar o trabalho “fichado”, certo, e os garimpeiros passam a funcionários públicos. Logo, a organização social das cidades de Aragarças e Barra do Garças ganha arranjos modernos e dinâmicos, pois com a construção do aeroporto de Aragarças em 1943, o Correio Aéreo Nacional (CAN) realizava voos quase que diários entre Aragarças e o Rio de Janeiro, interligando o sertão com o litoral, promovendo assim, uma nova sementeira cultural no Oeste. Por fim, as transformações no meio ambiente demonstravam a rápida expansão da modernização; a abertura de estradas e a construção da ponte sobre os rios Garças e Araguaia conferiram mudanças estruturais e representativas às duas cidades<sup>25</sup>.

<sup>23</sup> L. L. Oliveira. “Estado Novo e a conquista de espaços territoriais e simbólicos”, *Política & Sociedade*, nº12, p. 13-21, abril de 2008.

<sup>24</sup> O. Ianni. “A luta pela terra: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia”. (Petrópolis. Vozes, 1981), 136.

<sup>25</sup> D. P. Maciel. “Estado e território no Centro-Oeste brasileiro (1943-1967). Fundação Brasil Central (FBC): a instituição e inserção regional no contexto sócio-cultural e econômico nacional” (Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011); M. F. Lima Filho. “O desencanto do Oeste”. (Goiânia: Ed. da UCG, 2001).

O que nos leva a considerar com mais atenção as ponderações de Worster<sup>26</sup>, pois nas primeiras décadas do século XX os migrantes que afluíram para a região do Garças/Araguaia percebiam a natureza como “guardiã” de riquezas minerais, cabendo ao homem extraí-la com suor e muita sorte. Não se contava com a sistematização do labor garimpeiro. A partir da década de 1940, com a mudança ideológica significada pela atuação da Fundação Brasil Central na região, as percepções acerca da natureza e de suas potencialidades foram reconfiguradas pelos regionais, seguindo a ordem discursiva que vinha de fora, passaram então a compreender que o meio natural carecia de transformação e de intervenções. O intuito era modificar as feições locais, torná-las atrativas ao capital,

Essa ação do Estado sobre o território e a sociedade carregou, como não poderia deixar de ser, a mística do progresso de que ela seria o avanço da “civilização”. Era claro para os homens públicos – os que estavam no poder –, o desejo de redesenhar o perfil do país e de seus habitantes, afastando a imagem de “atrasado” e “exótico”, que julgavam herança do período imperial. Desejava-se, a todo custo, construir uma nova nação, o que significava ter controle completo sobre o território e sua população<sup>27</sup>.

As mudanças na forma de ver a natureza na constituição da nação brasileira devem ser analisadas á luz das transformações ideológicas vivenciadas pela sociedade brasileira. Como expõe Woster, as ações dos homens sobre a natureza estão diretamente relacionadas com seu *lugar social*, pois

Evitando reduzir todos os pensamentos e valores a uma base material, como se a imaginação humana nada mais fosse do que uma racionalização das necessidades do estômago, o historiador deve entender que a cultura mental não brota por si mesma. Uma maneira de entender esse relacionamento é afirmar que as idéias são socialmente construídas e, portanto, refletem a organização das sociedades, os seus tecno-ambientes e as suas hierarquias de poder. As idéias variam de pessoa a pessoa dentro de uma sociedade de acordo com o gênero, a classe, a raça e a região. Homens e mulheres, quase sempre separados em esferas mais ou menos distintas, chegaram a modos distintos – por vezes radicalmente distintos – de encarar a natureza<sup>28</sup>.

Mesmo sendo uma construção de imponência e de suma importância para a integração espacial de todo o estado de Mato Grosso, a ponte construída sobre os rios Garças e Araguaia na década de 1950 não aparece nos escritos, relatos e depoimentos locais como um apelo ou chamariz de migrantes para região do Vale do Araguaia, mas

<sup>26</sup> Woster. Para fazer história ambiental.

<sup>27</sup> G. Arruda. “Cidade e Sertões: entre a história e a memória”. (Bauru (SP): EDUSC, 2000), p. 103.

<sup>28</sup> Worster. Para fazer história ambiental, p. 211.

sim o rio Araguaia<sup>29</sup>. Este é tema recorrente, por exemplo, na poesia de Zélia dos Santos Diniz<sup>30</sup>,

Araguaia...  
Musa de tantos poetas,  
Ilusão de garimpeiros,  
Sonhos milionários.  
Cantos...  
Contos...  
Lendas...  
Águas cálidas  
Acariciantes.  
[...]  
Rio de praias alvacentas  
Areais soltas  
[...]  
Aragarças do Araguaia  
Araguaia de Goiás, da ilha do Bananal  
Águas límpidas, tépidas, convidativas  
[...]<sup>31</sup>

Assim, para além das atividades exploratórias e dominadoras da natureza, essa outra forma de ver, contar e cantar o Araguaia pode ter contribuído, por exemplo, para a decisão de mudança do advogado José Mario Guedes Miguez, que trocou o interior paulista pela possibilidade de viver entre o deleite das pescarias e a exploração agrária nas terras mato-grossenses: “aqui, moramos na beira do rio; por isso as pescarias são mais constantes. Aliás, diga-se de passagem, o que nos motivou, a mim e a meu irmão, a vir pra cá morar foi este lendário rio, o Araguaia”<sup>32</sup>. Miguez chegou à região na década de 1970, advogou, pescou, montou restaurante e escreveu três livros sobre as belezas e as mazelas da região do Vale do Araguaia.

Não é o caso, também, de se tomar tais depoimentos como sendo um exemplo da boa e agradável coexistência entre homens e natureza. Não se deve ser ingênuo e desqualificar e/ou atenuar as motivações de cunho econômico e social que impeliram os novos migrantes. Miguez adquiriu, em conjunto com seu irmão, muitos alqueires de

<sup>29</sup> O cantor e compositor Otacílio Santos Neto, natural de Barra do Garças, em 2010, escreveu o que supunha ser “novo hino da cidade”, destacando o rio Araguaia, “disseram um dia até que quem bebe das águas do rio jamais esquece e vai voltar... raiz daqui jamais saiu”. Sendo a intenção da música divulgar a cidade, o autor achou por bem dar enfoque ao que se constituiu como “patrimônio natural” da região. Reportagem e vídeo disponível em <http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=115014&noticia=video-divulga-potencial-turistico-da-cidade-de-barra-do-garcas-na-web>. Acessado 06/09/2018.

<sup>30</sup> Poetiza e memorialista da cidade de Aragarças, Zélia dos Santos Diniz, cearense radicada aragarcense, que chegou à cidade em 1967 atraída pelas promessas de progresso e modernização da Fundação Brasil Central. É autora de vários livros sobre a cidade e sobre a região.

<sup>31</sup> Z. S. Diniz. “Aragarças como te vi...”. (Barra do Garças: Gráfica Multicor, 2003, p. 8-17).

<sup>32</sup> J. M. G. Miguez. “Araguaia: de Rondon ao discoporto: Histórias de um pescador”. ( Barra do Garças, 1996), p. 45.

terra próximo ao município de Barra do Garças<sup>33</sup>. Desse modo, é possível concordar com Worster<sup>34</sup>, quando ele afirma que “Devemos presumir que toda cultura contém um leque de percepções e valores variados, e que jamais houve uma cultura que realmente quisesse viver em harmonia total com o seu ambiente”.

Mesmo contrastantes, as ações, vivências, discursos e interferências homem/natureza e natureza/organização humana demonstram o quanto elaborado constitui-se a exploração de um meio histórico, ou seja, o meio ambiente não pode ser esquecido, relegado e/ou desconsiderado, ainda mais, quando nos voltamos para os estudos das regiões “catalogadas” como sertão, Oeste, “selvagens” e “habitat da barbárie”.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lançando luz à maneira como a natureza foi vista e transformada na região do Garças/Araguaia pudemos avançar na compreensão da formação do discurso representativo e simbólico da região e de seus moradores. Ao acompanharmos as transformações ideológicas que resultaram em transformações econômicas, representativas, simbólicas e sociais, nos deparamos com diferentes percepções acerca da natureza, da sua significância e uso, tanto para os que viviam na região há mais tempo, quanto para os migrantes que chegaram a partir da década de 1970, como bem expressou Zélia dos Santos Diniz<sup>35</sup>:

Conto uma estória  
De amor à primeira vista.  
Aconteceu quando  
Aventureiro senhor de meu destino  
Me conduziu  
Por estradas empoeiradas  
Rasgadas em cerrado belos.  
Animais assustados  
Fugiam das máquinas possantes dos automóveis  
Sem perceber que ali estavam  
Pessoas amáveis, apaixonadas.

<sup>33</sup> Miguez. Araguaia.

<sup>34</sup> Worster. Para fazer história ambiental, 14.

<sup>35</sup> Diniz. Aragarças como te vi..., 09.

As percepções daqueles que se embrenharam pelos sertões do interior do Brasil estavam encharcadas de ânsia afoita, turvando a vista com um discurso de atraso e precariedade, mas que ainda deixava passar a luminosidade da esperança em obter vantagens, de alcançar no leito do Garças/Araguaia uma luminosa pepita ou um bom bocado de terra. À medida que foram transformando o meio, produzindo bens de consumo e ressignificando o viver por meio das águas, do Cerrado e da terra arenosa, que tanto exigiu desvelo e correção, ascenderam a região do Vale do Araguaia como a maior rizicultora do Brasil<sup>36</sup> e reivindicaram para si a promoção dos valores representativos, simbólicos, econômicos e sociais da região do Vale do Araguaia.

Podemos concluir que as belezas naturais do Vale do Araguaia e do Brasil como um todo foram compreendidas a partir de sua *fertilidade*, pois passado o impacto provocado pela visão das exuberantes paisagens, a imaginação que se fixara foi a da fertilidade do solo e de sua grandeza em produzir, desde que houvesse braços capazes ao labor, a abundância seria uma constante na representação do território mato-grossense, sendo o Vale do Araguaia um exemplo da capacidade do homem em extrair riquezas das diferentes fontes naturais – garimpagem, rizicultura e turismo.

De modo que, no esforço para dominar o meio natural da região do Vale Araguaia, fazendo a correção do solo, racionalizando e/ou modernizando os meios de exploração dos recursos naturais, os indivíduos não deixaram de construir e nutrir uma intensa interação com o meio natural. Admiração, afeição, orgulho e deleite são algumas das sensações que a vivência em uma composição paisagística de grande beleza inspirou em seus moradores, como a que é cantada no hino da cidade: “Barra do Garças encanta...[...] Eu amo Barra eu vivo aqui<sup>37</sup>”. No entanto, a interação valorativa e cheia de significações subjetivas<sup>38</sup>, que marcam a constituição de vida dos moradores, não excluiu os anseios em explorar a “terra fértil sob os pés” em prol do desenvolvimento financeiro da região e de seus habitantes.

<sup>36</sup> Varjão, Barra do Garças.

<sup>37</sup> E. R. A. Chaves. Compositor da letra e música do Hino do município de Barra do Garças. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yFfhevld1W8>.

<sup>38</sup> Worster. Para fazer história ambiental.

## REFERÊNCIAS

- AB' SÁBER, A. N. "Os domínios de natureza no Brasil: Potencialidades paisagísticas" (São Paulo: Ed. Ateliê, 2003).
- ARRUDA, G. "Cidade e Sertões: entre a história e a memória" (Bauru (SP): EDUSC, 2000).
- CASTELNAU, F. "Expedição as Regiões Centrais da América do Sul" (Belo Horizonte: Itatiaia, 2000).
- CHAVES, E. R. A. Compositor da letra e música do Hino do município de Barra do Garças. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yFfhevId1W8>. Acessado em 20 de novembro de 2018.
- DINIZ, Z. S. "Aragarças como te vi..." (Barra do Garças: Gráfica Multicor, 2003).
- DINIZ, Z. S. "Município de Aragarças". 2º Ed (Aragarças: ALVCACO, 2016).
- GALETTI, L. S. G. "Sertão, fronteira, Brasil: imagens de Mato Grosso no mapa da civilização". (Cuiabá: Entrelinhas/EdUFMT, 2012).
- GARDNER, G. "Viagem ao Interior do Brasil" (Belo Horizonte: Itatiaia, 1975).
- IANNI, O. "A luta pela terra: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia". (Petrópolis. Vozes, 1981).
- Jornal do Commercio, de 22 de setembro de 1871, In Varjão. Barra do Garças.
- LEMES, F. L. "Para além das gerais: dinâmica dos povos e instituições na América portuguesa: Bahia, Goiás e Mato Grosso" / coordenador, Fernando Lobo Lemes; Organizadores, Avanete Pereira Sousa, Eduardo José Reinato e Nauk Maria de Jesus (Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015).
- LIMA FILHO, M. F. "O desencanto do Oeste" (Goiânia: Ed. da UCG, 2001).
- LIMA, N. T. "Um sertão chamado Brasil" (São Paulo: Hucitec. 2013).
- MACHADO, A. "Vida e morte do bandeirante" (São Paulo: Martins. 1943).
- MACIEL, D. P. "Estado e território no Centro-Oeste brasileiro (1943-1967). Fundação Brasil Central (FBC): a instituição e inserção regional no contexto sócio-cultural e econômico nacional" (Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH), São Paulo, julho 2011.
- MIGUEZ, J. M. G. "Araguaia: de Rondon ao disoporto: Histórias de um pescador" (Barra do Garças, 1996).



NAXARA, M. R. C. “Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX” (Brasília: Editora UnB, 2004).

OLIVEIRA, L. L. “Estado Novo e a conquista de espaços territoriais e simbólicos”, *Política & Sociedade*, nº12, p. 13-21, abril de 2008.

PALACIN, L. “O século do ouro em Goiás” (Goiânia: Ed. da UCG. 1994).

POHL, E. J. “Viagem ao Interior do Brasil” (Belo Horizonte: Itatiaia, 1976).

SAINT-HILAIRE, A. “Viagem às nascentes do rio São Francisco e pela província de Goyaz” (São Paulo: Companhia editora nacional, 1937).

SAINT-HILAIRE. A. “Viagem à Província de Goiás” (Belo Horizonte: Itatiaia, 1975).

SANTOS, C. A. “Araguaia – Natureza, Araguaia – projeto: paisagens socioambientais em Couto de Magalhães, século XIX” (Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 2007).

Valdon Varjão. “Barra do Garças: migalhas de sua história” (Brasília: Senado Federal, 1985, 74).

WOSTER, D. “Para fazer história ambiental”, in *Estudos Históricos*, vol. 4, n. 8, 1991, p. 198-215.

Este trabalho conta com o financiamento da CAPES- Coordenação de  
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

## **Being So Imagined: History and Nature in the Occupation of the Aragarças Region (GO) / Barra do Garças (MT)**

### **ABSTRACT**

This article aims to discuss how the process of Barra do Garças occupation (MT) and Aragarças (GO) had in nature a regulatory constraint and a decoy in its different migratory processes. The two municipalities bordering the states of Goiás and Mato Grosso have the confluence of the Garças and Araguaia rivers as a natural frontier, which forms a unique landscape and shows the geomorphological characteristics of the Cerrado: the valley lies between plateaus and depressions, and it is bathed by thermal waters. Such natural features gave the region a particular migratory dynamic. However, the formation of the urban nuclei of the Araguaia Valley may be observed from the perspective of the possibilities of transmutation between migrants and nature, that in the processes of modification, exploration and integration with the local landscape reorganized the living on the banks of the Garças / Araguaia.

**Keywords:** Central-West; Araguaia Valley; Migration; Environmental History.

Recibido: 25/09/2018  
Aprobado: 14/11/2018